



ÉTICA & VEGETARIANISMO

SVB
Sociedade
Vegetariana
Brasileira

1ª edição | 2015



ÉTICA & VEGETARIANISMO

Autor:
Carlos Naconecy

Editoração:
Guilherme Carvalho e Marly Winckler

Direção de arte:
Danilo Santilli

1ª edição | 2015



Sociedade
Vegetariana
Brasileira

SOBRE O AUTOR

Carlos Naconecy é filósofo e doutor em Filosofia. Foi pesquisador visitante na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Membro do Oxford Centre for Animal Ethics e do corpo editorial do Journal of Animal Ethics. Coordenador do Departamento de Ética Animal da Sociedade Vegetariana Brasileira. Dentre outras publicações, é autor do livro *Ética & Animais*.

SUMÁRIO

Introdução pág. 6

1. POR QUE UMA ÉTICA VEGETARIANA?

Do que se trata? pág. 16

O que se entende por Vegetarianismo? pág. 17

A quem este livreto se dirige? pág. 18

Duas visões de mundo opostas pág. 19

A Ética Vegetariana não é algo recente pág. 20

As razões para comer carne pág. 21

As razões do Vegetarianismo pág. 21

As formas de ocultação do problema moral pág. 24

Os mecanismos de resistência ao Vegetarianismo pág. 25

2. OS ARGUMENTOS VEGETARIANOS

Apelo ao Senso Comum pág. 30

Morte Desnecessária pág. 33

Sufrimento Desnecessário pág. 38

Pessoa Virtuosa pág. 39

Atitude de Respeito pág. 41

Dignidade pág. 43

Vulnerabilidade pág. 44

Cuidado pág. 47

Interesses pág. 49

Deveres - Direitos pág. 50



INTRODUÇÃO

(por Guilherme Carvalho)

A REALIDADE DOS ANIMAIS CRIADOS PARA CONSUMO

Os fatos sobre a indústria pecuária

Segundo dados da FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), são criados e abatidos cerca de 70 bilhões de animais terrestres por ano em todo o mundo para a produção de carnes, laticínios e ovos. Estes animais incluem vacas, porcos, ovelhas, cabras, perus, patos, gansos, búfalos, coelhos, cavalos e - sobretudo - frangos.



Foto: PETA

O Brasil, um dos maiores produtores de carnes do mundo (perdendo apenas para China e Estados Unidos), é responsável por cerca de 8% deste total, ou 5,5 bilhões de animais por ano. Isso significa que, apenas no Brasil, são abatidos mais de 10 mil animais a cada minuto para produzir carnes, laticínios e ovos.



Foto: Divulgação

A imensa maioria destes animais são criados em sistema industrial de confinamento intensivo. A ideia é criar o maior número de animais possível no menor espaço possível. Isso exige a máxima mecanização das operações e o total controle do que eles comem e de como vivem. Nestas verdadeiras fábricas, os animais são considerados e tratados como simples peças de uma linha de montagem - a mesma lógica do lucro econômico aplicada a outras fábricas de produção em larga escala.

Por conta desta lógica, o animal criado na granja industrial é impedido não apenas de pastar, mas também de mudar de posição, mover seus membros, se deitar e se coçar. Porcos e aves são mantidos em recintos fechados durante toda a sua vida. Eles não veem a luz do dia, não respiram ar fresco e são impossibilitados de contato social com outros membros da sua espécie. A criação intensiva sequer leva em conta o fato natural de que cada um desses animais tem pai, mãe e filhos: eles são separados do seu grupo familiar assim que nascem.

A estatística de 70 bilhões de animais por ano, contudo, não considera os incontáveis animais aquáticos que são capturados e abatidos diariamente pela indústria pesqueira: peixes de todas as espécies, crustáceos, moluscos, golfinhos, baleias, tartarugas e outros animais que, propositalmente ou não, terminam mortos nas redes de pesca industrial.



Foto: Divulgação

Mais do que apenas pescar muitos bilhões de animais aquáticos todos os anos, cada vez mais nós também criamos esses animais para abate - em sistema de confinamento em tanques ou cercados -, seguindo o mesmo caminho das granjas industriais. Segundo a FAO/ONU, a expectativa é de que, em poucos anos, mais de 50% dos peixes consumidos no mundo sejam cultivados em “fazendas aquáticas”, e não capturados no seu ambiente natural.



Foto: Divulgação

Independentemente das condições em que são criados ou capturados, todos esses animais terrestres e aquáticos são mortos intencional e desnecessariamente - antes de chegarem aos nossos pratos. Na área de matança, ouvem, veem e cheiram a morte que os aguarda, tentando inutilmente escapar.

Veja abaixo alguns fatos que mostram a realidade em que vivem alguns dos principais animais que estão no prato dos brasileiros.

Frangos “de corte”

No Brasil, a imensa maioria dos frangos criados para produção de carne (mais de 5 bilhões por ano) são criados em granjas industriais. Dentro dos galpões abarrotados com milhares de frangos cada, grandes quantidades de dejetos se acumulam e geram doenças decorrentes de níveis prejudiciais de amônia e outras substâncias tóxicas.

Hoje em dia, o “frango de corte” atinge o peso considerado satisfatório para abate em um terço do tempo do que demorava décadas atrás: dentro de cerca de 40 dias, o animal (em estágio ainda infantil) já tem um peso de 2kg ou mais e, então, segue para o abate. Esse crescimento acelerado, possibilitado por uma combinação de seleção genética e melhoramento de ração e medicamentos, veio acompanhado de uma alta incidência de doenças, dores, deformidade esquelética e dificuldade de mobilidade, uma vez que o crescimento do esqueleto não acompanha o ritmo de crescimento do corpo.

Quando atingem a idade de abate, os frangos são carregados em caminhões, em caixas semelhantes a engradados de bebida, como se fossem qualquer objeto inanimado, e levados ao matadouro aos milhares - sob condições climáticas que podem variar de sol escaldante a frio congelante.

Galinhas poedeiras

O Brasil mantém em suas granjas aproximadamente 100 milhões de galinhas poedeiras (aquelas usadas para produção de ovos), sendo que mais de 90% delas vivem dentro das chamadas "gaiolas em bateria". As gaiolas em bateria são empilhadas, umas em cima das outras, e oferecem para cada galinha poedeira um espaço menor do que uma folha de papel A4 para passar sua vida inteira. Diferentemente dos frangos "de corte", que são mortos aos 40 dias de idade, as galinhas poedeiras perduram esse sofrimento ao longo de um ano e meio ou dois anos, que é o período que se decorre até que a produtividade de ovos comece a cair vertiginosamente, de modo que mantê-la viva não vale mais à pena para a indústria.



Foto: Compassion Over Killing

As condições de confinamento intensivo são tão extremas e estressantes, dentro das gaiolas em bateria e sem possibilidade sequer de esticar as asas, que as galinhas desenvolvem uma tendência de atacar violentamente umas às outras - e tampouco há possibilidade de fuga na clausura da gaiola. Diante disso, para

evitar canibalismo e perdas financeiras, os criadores cortam o bico de todos os pintinhos recém-nascidos com uma lâmina quente ou com laser, sem anestésicos, o que causa dor e sofrimento já no primeiro dia de vida dessas fêmeas.



Foto: Divulgação

Quanto aos machos de linhagem poedeira, o destino é pior. Incapazes de produzir ovos (por serem machos) e incapazes também de ganhar peso suficiente para sua criação ser economicamente viável para a indústria (pois sua genética não favorece o crescimento corporal), os machos da indústria de ovos são exterminados ou largados para morrer aos poucos, logo após o seu nascimento.



Foto: Divulgação



Foto: Farm Sanctuary

Porcos “de abate” e porcas reprodutoras

Os porcos estão entre os animais mais inteligentes e que mais têm empatia com o ser humano. Podem ser brincalhões e carinhosos como cachorros, têm preferências e personalidades. Gostam de deitar na água (ou na lama) para refrescar-se, mas são bastante higiênicos no que diz respeito às suas necessidades fisiológicas: fazem questão de usar para descanso uma área diferente daquela usada para defecar e urinar.

Entretanto, muitas vezes os porcos são vistos (e tratados) com negligência e crueldade. Sujeitos a um crescimento acelerado e a procedimentos mutilatórios dolorosos como o corte de cauda, corte dos dentes e castração sem anestésicos, os porcos consomem grandes quantidades de antibióticos diariamente para evitar o desenvolvimento de doenças decorrentes da baixa imunidade própria do confinamento intensivo.



Foto: Gerson Sobreira

As porcas reprodutoras são, talvez, as que mais sofrem. Mantidas durante a maior parte do tempo em celas metálicas individuais pouco maiores do que o seu próprio corpo, elas vivem por cerca de 5 anos sofrendo inseminação artificial e sucessivas gestações. Esgotadas, após anos de exploração e confinamento intensivo como máquinas de produção de filhotes, as porcas reprodutoras são encaminhadas para matadouros, de onde são transformadas em carne de segunda qualidade ou ração para pets.



Foto: Divulgação

Vacas leiteiras

Muitas pessoas ainda acreditam que a produção de leite é um procedimento natural e inofensivo, ocorrendo em pequenos rebanhos soltos nos campos. Na realidade da pecuária industrial, entretanto, essa imagem não existe. A maioria das vacas utilizadas para produção de leites, queijos, iogurtes e demais laticínios no Brasil são criadas em confinamento intensivo durante a maior parte do tempo, em pequenas celas e passando algumas horas por dia em máquinas de ordenha industrial.



Criadores e empresas de biotecnologia fizeram, desde os anos 50, uma rigorosa seleção genética das linhagens de vacas para maximizar a produção de leite, aumentando em cerca de cinco vezes a quantidade de leite produzido por cada vaca entre 1950 e 2012. Isso traz uma série de complicações, incluindo inflamações freqüentes e severas nas tetas. As vacas leiteiras, que poderiam chegar a viver mais de 20 anos, não passam de 5 ou 6 anos nesta cruel indústria.

Para produzir leite continuamente, uma vaca precisa dar à luz repetidamente. As vacas são submetidas a inseminação artificial e, uma vez que o seu bezerro nasce, ele é separado dela à força (usualmente dentro de aproximadamente 24 horas), ignorando o auge do cuidado maternal daquela vaca e gerando desespero e frustração extrema. As vacas continuam emitindo sons durante dias, em busca da cria roubada. O filhote deve ser retirado para não consumir parte da produção do leite, que poderia ser comercializado. Na maioria das vezes, os filhotes retirados das mães são abatidos como “novilhos” ou criados para “carne de vitela”.



POR QUE UMA ÉTICA VEGETARIANA?

DO QUE SE TRATA

O que comer talvez seja a mais pessoal das nossas decisões. O propósito desta publicação é fazer você repensar o modo tradicional de ver os animais como coisas comestíveis. O que chamamos de “carne” nada mais é do que um pedaço do corpo de um animal morto. E os animais que comemos não são tratados do mesmo modo que tratamos cães e gatos. Esses dois fatos têm graves implicações morais. Grande parte das pessoas come animais por mero hábito – e não por haver pensado em alguma boa justificativa para isso. Para outras, o estômago simplesmente fala mais alto do que a razão.

Nas páginas seguintes, você será apresentado a uma sequência de diferentes argumentos. Espera-se com isso que você conclua que o uso de animais como comida, se não for moralmente indefensável, é pelo menos profundamente problemático sob o enfoque da ética. O que se entende por ética aqui? Ética é a reflexão filosófica sobre a moralidade, de modo a produzir um guia de orientação da nossa conduta neste planeta. A ética funciona como uma bússola moral. Conseqüentemente, a ética fixa limites à nossa liberdade. Trata-se, no presente caso, de justificar o quanto do nosso desejo por comer carne deve ser restringido em face de um bem maior: a vida dos animais que serão comidos.

Este livreto surge tendo como pano de fundo um desconforto social cada vez maior quanto ao que fazemos aos animais. Mas, contraditoriamente, nunca se matou tanto e se comeu tanto

bois, porcos, galinhas, peixes e outras espécies. Os animais que devoramos têm uma vida curta e miserável. Para quê? Para atender as necessidades humanas? Não. Nossas necessidades nutricionais podem ser atendidas pelo reino vegetal. A miséria animal é gerada para atender os prazeres momentâneos do nosso paladar.

O fato é que o processo de transformação dos animais em comida os prejudica terrivelmente. Comer carne implica – no mínimo – a morte daquele animal cujo corpo está sobre o prato. O Vegetarianismo denuncia exatamente essa verdade desagradável, essa realidade incômoda, onde antes havia um hábito impensado: estamos matando e fazendo sofrer infinitamente além do necessário. Isso não está certo. E o papel da Ética Vegetariana é justamente tornar desconfortável a consciência moral de quem está envolvido, ativa ou passivamente, com essa indústria da morte. A parcela que produz e consome carne na nossa sociedade controla o discurso dominante a respeito de qualquer ética alimentar. Na prática, isso implica que os vegetarianos têm o ônus de justificar constantemente sua posição. Os que comem carne não precisam fazer isso. O propósito desta publicação é justamente auxiliar nesse ponto.

O QUE SE ENTENDE POR VEGETARIANISMO

Por Vegetarianismo entenda-se aqui o da modalidade “estrita”. Trata-se daquela prática alimentar que exclui não apenas a carne, mas também ovos e laticínios da dieta. As razões disso são as seguintes:

1. A indústria da carne e a indústria de ovos/laticínios lançam mão das mesmas técnicas de criação intensiva que tornam a vida dos animais permanentemente miserável.

2. O consumo de ovos/laticínios acaba promovendo a indústria da carne, na medida em que, quando os animais que fornecem ovos/leite deixam de ser produtivos, eles são mandados aos matadouros, como todos os outros animais.

3. O consumo de ovos/laticínios está ligado à morte prematura de animais: os pintos machos das galinhas poedeiras são imediatamente mortos ao nascerem, as galinhas poedeiras são abatidas quando não colocam mais ovos, os bezerros machos das vacas leiteiras também são abatidos assim que nascem e as próprias vacas são mortas quando não fornecem mais leite.



A QUEM ESTE LIVRETO SE DIRIGE

O Vegetarianismo não é visto como um modo de vida a ser adotado por todas as pessoas em todas as circunstâncias em todas as partes do mundo. Por quê? Porque estaremos tratando

aqui do “Vegetarianismo Voluntário” – aquele que depende da vontade, escolha e decisão do indivíduo. Portanto, o leitor-alvo destas páginas não é um esquimó, um morador das montanhas, um habitante de uma região desértica, nem um indígena da floresta. Todos eles supostamente têm que comer animais para poder sobreviver. Isso pode eventualmente valer também para aquelas pessoas que, vivendo em situação de extrema pobreza ou em áreas muito pobres do globo, não podem se dar ao luxo de selecionar o alimento que vão comer. Essa condição pode ser temporária (para um naufrago numa ilha) ou permanente (numa região cujo clima não permite a agricultura). De qualquer maneira, essas categorias não estão incluídas na defesa de uma Ética Vegetariana, já que elas não implicam escolhas voluntárias. Não se considera que haja uma obrigação moral em prol do Vegetarianismo nessas circunstâncias. A argumentação aqui apresentada se dirige àquelas pessoas que vivem em sociedades nas quais o acesso a alternativas nutricionais à carne é algo relativamente fácil. Supõe-se que este seja o seu caso, leitor.

DUAS VISÕES DE MUNDO OPOSTAS

Para aqueles movidos por razões morais, o Vegetarianismo não é visto apenas como mais uma escolha alimentar excêntrica dentre outras tantas possíveis. O vegetariano não é um indivíduo que simplesmente “prefere” não comer carne. Trata-se de um modo de vida, que expressa um modo de pensar, uma “visão de mundo”.

Visões de mundo - como a vegetariana - são dadas por um conjunto integrado de crenças morais, valores pessoais e um sentido de propósito de vida. Visões de mundo, sendo perspectivas filosóficas, explicam não apenas como as coisas são, mas também como elas deveriam ser. O Vegetarianismo apresenta uma proposta de

mundo. E não importa que seja difícil de imaginar, hoje, nossa sociedade abandonando completamente o uso de animais como comida. As diferentes reações à questão vegetariana dependerão exatamente da visão de mundo de cada indivíduo frente a ela:

1. Onde a maioria das pessoas vê simplesmente “carne”, o vegetariano vê um pedaço do corpo inerte de um animal que uma vez já esteve vivo. O comedor de carne sente prazer e pensa no conforto de estar alimentado por um objeto (comestível). O vegetariano se sente desconfortado pelo que vê e pensa no horror que aquele sujeito (animal) deve ter passado até chegar àquele prato.

2. A oposição também se dá em termos simbólicos: para aquele que come carne, parece-lhe que se está comendo “vida” (já que a carne é tida como saudável e essencial na dieta). Enquanto que, para um vegetariano, parece-lhe que se está comendo “morte” (já que o que é chamado de carne nada mais é do que uma parte de um cadáver do que outrora já fora uma criatura senciente). O contraste agudo entre essas percepções paradigmáticas explica a dificuldade de uma discussão serena a respeito desse assunto.¹

A ÉTICA VEGETARIANA NÃO É ALGO RECENTE

Engana-se quem pensa que a filosofia vegetariana é algo recente na história das ideias. No Ocidente, as raízes da Ética Vegetariana remontam aos filósofos gregos e romanos da Antiguidade, desde o século 6 a.C.. Porfírio escreveu um texto especificamente sobre esse tema, intitulado “Da abstinência da carne dos seres vivos”, onde antecipa grande parte dos argumentos que reapareceram no debate contemporâneo em ética animal. Plutarco foi o mais eloquente nessa defesa. Ele diz que, em vez perguntarmos por que algumas pessoas se abstêm da carne de animais, deveríamos

perguntar por que alguém começou a comê-los: como não repugnou seu paladar “quem fez contato com as feridas dos outros e sorveu os sucos e os soros dos ferimentos mortais? (...) Por causa de um pouco de carne, nós privamos [os animais] do sol, da luz, da duração da vida (...)”.²

AS RAZÕES PARA COMER CARNE

A transformação de um animal em comida se dá sobre duas justificativas básicas – e ambas são questionáveis:

1. Nutrição que a carne proporciona

As evidências de que a dieta vegetariana é pelo menos tão saudável nutricionalmente – e provavelmente até mais – do que uma à base de carne têm se acumulado nos últimos anos de acordo com os estudos científicos (Ref. Livro SVB). Descartada essa razão nutricional, restaria então uma segunda justificativa.

2. Prazer gastronômico que a carne proporciona

Esse deleite gustativo e satisfação gastronômica devem ser suficientemente fortes para justificar os males causados aos animais que criamos e matamos para comer. Esse não é o caso segundo o Vegetarianismo, portanto tal razão não pode ser chamada de ética.

AS RAZÕES DO VEGETARIANISMO

1. Moral

Quando a pessoa decide evitar a carne por acreditar que o ato de comê-la é eticamente errado. O mundo seria mais justo se os animais não fossem criados e mortos para serem comidos. Nesse

1 - MIDGLEY, M. *Animals and Why They Matter*. Athens: The University of Georgia Press, 1983, p.27.

2 - PLUTARCO. On the Eating of Flesh. In: WALTERS, K.S.; PORTMESS, L. (Eds.). *Ethical Vegetarianism: from Pythagoras to Peter Singer*. Albany: State University of New York Press, 1999, p.28.

caso, não se trata apenas de uma mera preferência pessoal. Em ética, há uma pretensão de que um princípio moral seja universalmente aplicável e universalmente comprometedor³ - pelo menos para aquelas pessoas que têm acesso a alternativas nutricionais à carne.

O Vegetarianismo de base moral sustenta que “não comer carne” deve ser adotado desinteressadamente: é algo a ser seguido por cada um independentemente do fato de que isso possa lhe trazer alguma vantagem pessoal, atenda os seus interesses ou alcance os objetivos particulares de alguém. Isso se chama agir por uma questão de princípio.

Pelo que foi dito, a Ética Vegetariana tem os seguintes pressupostos:

- a) A dieta vegetariana é saudável e não põe em risco a saúde/sobrevivência daquele que a adota.
- b) O Vegetarianismo de base moral não depende de considerações a respeito de saúde pessoal/pública, de impacto ambiental negativo ou de fome mundial.

2. Médico-nutricional

Quando a pessoa decide evitar a carne por acreditar que isso é melhor para a saúde humana.

3. Ecológica

Quando a pessoa decide evitar a carne em face das consequências da pecuária em termos de degradação ambiental. O Vegetarianismo seria uma forma de minimizar a própria contribuição pessoal para esse problema.

4. Sociopolítica

Quando a pessoa decide evitar a carne em face das questões de segurança alimentar e de justiça social. Haveria uma relação entre o mercado da carne, o uso ineficiente de

recursos alimentares e a fome mundial: mais pessoas estariam alimentadas no planeta se, em vez de fornecer grãos aos rebanhos, os fornecêssemos diretamente a elas.

5. Religiosa

Quando se acredita que as razões para evitar a carne se restringem aos membros de um grupo religioso.

6. Espiritual

Quando a pessoa decide evitar a carne tendo em vista não prejudicar sua evolução espiritual.



Foto: Divulgação

AS FORMAS DE OCULTAÇÃO DO PROBLEMA MORAL

Cabeças, línguas e corações são geralmente removidos do animal morto porque essas partes nos lembram que o animal estava vivo antes de virar comida. Do mesmo modo, o que você compra no supermercado não tem a “cara” do animal. Você compra uma carne quadrada e embalada, que nada se assemelha ao animal vivo. Isso, em parte, explica porque a maioria das pessoas se importa com os animais – mas os usa como comida. Nós comemos animais apenas porque pagamos outras pessoas para fazer o “trabalho sujo” de matá-los. Nós não aceitaríamos convite para visitar um matadouro. Tampouco gostaríamos de morar perto de um deles.



Foto: Divulgação

A ocultação das implicações éticas do consumo de carne envolve ainda uma terceira estratégia (além do desmembramento dos corpos dos animais e o deslocamento dos matadouros para longe dos olhos do público). Trata-se de adotar uma linguagem eufemística que dissocia a comida, de um lado, do animal de que ela veio, de outro. Emprega-se uma estratégia de amaciamento semântico, que substitui certos termos por outras palavras eticamente neutras, suavizando assim a realidade nua e crua. Vejamos. Você nunca vai a um restaurante “comer um frango”: você come “retalhos e vísceras do cadáver de um frango”. Você tampouco prova lá um “filé-mignon”: você come um “músculo amputado das costas de um boi morto”. Você não come “frutos do mar”: você come um peixe que foi arrancado da água, se debatendo em convulsões, para morrer lentamente por asfixia sobre o convés de um barco de pesca. Bois, porcos e galinhas não são enviados aos matadouros para morrer, mas, sim, para “frigoríficos”. Aliás, lá eles não são mortos, mas “processados”. O propósito dessa terminologia maquiadora da realidade é driblar todo o mal-estar moral e o conflito de consciência que pode vir a brotar na mente dos consumidores. Mas palavras tranquilizadoras não são capazes de mudar a realidade.

OS MECANISMOS DE RESISTÊNCIA AO VEGETARIANISMO

Não é surpreendente que haja uma forte oposição inicial à ideia de se abrir mão de certos prazeres que acompanham as pessoas sete dias por semana. A resistência de alguém à argumentação vegetariana pode ser oriunda apenas de uma reflexão pouco cuidadosa. Alguns mostram uma cegueira moral, uma indiferença grosseira com o próximo. Outros são vítimas da apatia. Elas suspeitam que os animais de consumo levam uma vida miserável, mas não têm uma curiosidade

moral quanto às realidades da produção da carne. Outros simplesmente negam os fatos ou escolhem ignorar o que acontece no mundo, dizendo “se você sabe, não me conte”.

Muitas pessoas até podem reconhecer o valor da Ética Vegetariana, mas lhes falta a iniciativa ou o desejo de pô-la em prática nas suas vidas. Isso acontece porque um argumento logicamente irrefutável não fornece, de imediato, um motivo para agir em prol da vítima. Saber o que é moralmente correto é uma coisa; ter a disposição para fazer o que é correto, é outra. A menos que seu interlocutor queira agir moralmente, sinta uma satisfação pessoal em fazer o que é certo, ele sempre poderá dizer “sei que deveria me tornar vegetariano, mas eu não vou fazer isso”. De todo modo, os processos típicos da resistência pessoal ao Vegetarianismo são os seguintes:

1. Compartimentalização

Diz respeito à nossa habilidade de separar o intelectual do emocional no que concerne àquelas coisas que não queremos comparar ou investigar de perto. Quando não podemos ou não queremos lidar com realidades por demais desagradáveis ou ameaçadoras. Exemplos:

- a) Alguém recusa o convite para visitar um matadouro, mas não relaciona esse fato com sua escolha em comer carne.
- b) Alguém é apresentado a cenas filmadas dentro de um matadouro, mas se recusa a ver as cenas até o fim ou decide não pensar nisso, e continua a comer carne.

2. Inconsistência

Quando pensamento e comportamento estão desalinhados, a ponto de não agirmos de acordo com nossos valores. Ou quando nos recusamos a aplicar certos princípios morais a outras circunstâncias semelhantes ou idênticas. Exemplos:

- a) Alguém confessa ter grande inquietação moral quanto ao consumo de carne, mas lhe falta a vontade de praticar o Vegetarianismo.
- b) Alguém sente horror pelo fato de chineses comerem cães, mas nenhuma aversão à ideia de comerem porcos.
- c) Alguém está atento ao destino dos animais de companhia, mas não ao dos animais de criação.



Foto: Divulgação

3. Racionalização

As pessoas não gostam de admitir que estão erradas - ou melhor, que vêm fazendo algo errado ao longo de toda a sua vida. Ao ser acusado de inconsistente, em vez de modificar seu comportamento, é comum que alguém ofereça uma razão para dissolver tal crítica. Ele irá assim “racionalizar” suas intuições carnívoras mais primitivas, procurando uma explicação aceitável do ponto de vista moral para seu consumo de carne, cujo motivo verdadeiro ele não percebe (dizendo, por exemplo, “não fui eu quem matou o animal que estou comendo”). O problema é que muito das opiniões pessoais estão baseadas em intuições moldadas pela educação moral dada pelos pais durante a infância. E essas intuições morais podem não ser sacudidas por argumentos éticos irrefutáveis. Naquelas pessoas cuja vontade não é suficientemente forte para ouvir as razões vegetarianas, a mente irá aonde o estômago for.

FONTES:

Michael Allen Fox. Deep Vegetarianism. Philadelphia: Temple University Press, 1999.

Tony Milligan. Beyond Animal Rights: food, pets and ethics. London: Continuum, 2010.



Foto: Divulgação

OS ARGUMENTOS VEGETARIANOS

O APELO AO SENSO COMUM

A Ética Vegetariana não precisa provar aquilo no qual você e a grande maioria das pessoas já acredita. Pode ser mostrado que a imoralidade do comer carne é uma mera decorrência de crenças fortemente intuitivas para o senso comum. A ideia aqui é simplificar ao máximo o esforço argumentativo vegetariano analisando três casos.



CASO 1

Você está caminhando na rua quando vê uma pequena tartaruga sair da grama ao lado e começar a atravessar o seu caminho. Você percebe que, se não alterar sua passada, acabará pisando na tartaruga. Nossa intuição diz que seria moralmente errado esmagar o animal. Suponha agora que, em vez da tartaruga, houvesse uma porção de sujeira na calçada. Nossa intuição diz agora que não haveria um problema moral em pisar na sujeira. O caso mostra que há uma diferença moralmente relevante entre animais e coisas (objetos inanimados). Há algo na tartaruga que torna moralmente inaceitável o ato de esmagá-la nessa situação (*não sendo necessário, para fins de argumento, definir o que é exatamente isso que fornece um status moral ao animal*).

O QUE O CASO DIZ SOBRE O VEGETARIANISMO

As justificativas para comer animais são basicamente (a) manutenção da própria vida ou saúde e (b) o prazer que isso proporciona. Voltemos ao caso. Quanto à primeira justificativa: nem a vida nem a saúde do caminhante estão em risco. Quanto à segunda: alegar que o prazer do ritmo da caminhada irá se perder ao se alterar o passo não justifica a morte do animal. Mesmo que se modifique a passada, o caminhante ainda irá se deleitar com a caminhada. O Vegetarianismo argumenta que, mesmo que se abandone a carne, ainda teremos os prazeres do paladar e da nutrição com os alimentos de origem vegetal.

CASO 2

Você está dirigindo em uma estrada e vê uma tartaruga atravessando a via. Se você desviar do animal, terá que passar por cima de uma planta que está no acostamento. Nossa intuição diz que deveríamos desviar da tartaruga, mesmo que, com isso, a planta acabe morta. O caso mostra que, na escolha entre salvar a vida de um animal ou de uma planta, devemos salvar a do animal.

O QUE O CASO DIZ SOBRE O VEGETARIANISMO

As justificativas para comer animais são basicamente (a) manutenção da própria vida/saúde e (b) o prazer que isso proporciona. Voltemos ao caso. Quanto à primeira justificativa: nem a vida nem a saúde do motorista estão em risco. Quanto à segunda: alegar que o motorista terá mais prazer passando por cima da tartaruga do que da planta não justifica a morte do animal. Obter mais prazer não é uma boa razão para se matar animais. Para o Vegetarianismo, o prazer de comer carne não justifica a morte do animal que tem que ser morto para fornecê-la.

CASO 3

Um cientista planeja realizar um experimento que trará informação importante e percebe que tanto animais como plantas servirão ao seu objetivo. Tal teste implicará na morte daquilo que for usado. Nossa intuição diz que plantas deveriam ser usadas nessa experiência.

O QUE O CASO DIZ SOBRE O VEGETARIANISMO

É errado matar animais quando plantas servirem para os mesmos propósitos – a saber, a manutenção da vida humana saudável.

FONTE:

Andrew Tardiff. Simplifying the Case for Vegetarianism. Social Theory and Practice, v.22, n.3, 1996.



Foto: Divulgação

O ARGUMENTO DA MORTE DESNECESSÁRIA

A indústria da carne está intrinsicamente ligada à moralidade do matar, já que, sem a morte intencional de um animal, ele não se torna nossa comida. Os animais que comemos morrem antes mesmo de chegar à idade adulta: galinhas, que viveriam naturalmente por cerca de 10 anos, são abatidas em 5-7 semanas. Porcos, em vez de viverem 10-12 anos, são mortos com 6 meses de idade. Bois, que poderiam viver por 15-20 anos, vão para o matadouro aos 18 meses.

O mal de matar parece tão evidente que dispensaria maiores explicações filosóficas. Morrer é algo simplesmente ruim para aquele que morre. Cada animal tem sua própria vida para viver e não cabe a ninguém se apropriar dela. Ao morrer, o animal perde tudo o que ele tem. Matar um animal constitui um ato de violência e isso é simplesmente antiético.

Também parece óbvio que é melhor não causar uma morte se isso puder ser evitado. O argumento da morte desnecessária diz que é errado matar um animal sem que haja uma razão suficientemente forte para isso. O Vegetarianismo sustenta que o nosso desejo por carne não é uma razão suficiente para matar qualquer animal. Mas o que se entende exatamente por morte “desnecessária” nesse argumento?

1. Para determinarmos se uma morte é necessária ou não, devemos olhar a razão pela qual ela é provocada.
2. O fim a que se destina a morte dos animais de criação é o consumo de sua carne.
3. Tal consumo de carne é desnecessário já que a saúde humana e os prazeres do paladar humano não resultariam ameaçados por uma dieta vegetariana.

4. Logo, se podemos viver bem sem consumir carne, então a morte dos animais de criação é desnecessária.

A questão filosófica principal ainda permanece: qual o problema ético em matar um animal? Por que encurtar o seu tempo de vida constitui um erro moral (supondo que a morte desse animal fosse indolor, instantânea e inesperada)? Veremos quatro possíveis razões pelas quais matar um animal pode ser considerado um mal. E se cometemos um grave erro ao matar animais para comer, a implicação prática disso é moralmente avassaladora, se levarmos em conta a quantidade astronômica de vidas destruídas pelo homem: estamos falando de uma perda total e irreparável para aproximadamente os 5 mil animais mortos por segundo no mundo.⁴

RAZÃO 1: É inconsistente levar em conta o sofrimento dos animais mas não o fato de que eles são mortos.

Para a maioria das pessoas, curiosamente, o ato de chutar um porco seria considerado eticamente censurável, mas o ato de matá-lo para comê-lo, não. No entanto, se o bem-estar de um animal é moralmente importante, então a sua morte também é. Se devo me preocupar em como um animal está vivendo sua vida, então também devo me preocupar com a ideia de matá-lo.

RAZÃO 2: Matar um animal é moralmente errado porque ele valoriza sua vida por si mesma.⁵

Os animais valorizam a sua própria vida (mesmo que não sejam conscientes disso como nós somos, tenham uma razão para vivê-la ou compreendam que a morte é trágica). Um animal tende a defender continuamente sua própria existência, sua própria integridade, resistindo permanentemente a tudo aquilo que pode conduzir à sua morte.

E mais: um animal não apenas defende sua própria vida, mas também seu bem-estar enquanto vive: ele constantemente está valorando coisas - escolhendo, preferindo, priorizando

um estado X a outro estado qualquer Y. Os animais preferem não apenas comer a passar fome, mas escolhem comer certo tipo de alimento em vez de outros. Eles preferem se proteger a ficar desabrigados, um ambiente com certa temperatura a outro. Ao serem capazes de tomar conta de si mesmos, os animais demonstram que são portadores de um valor objetivo, autônomo, que é independente da sua importância de uso/mercado para nós. E valor gera dever. A consequência moral disso é a de que se um animal é capaz de valorizar sua própria vida, então nós temos uma obrigação moral de tomar essa vida em conta também.

RAZÃO 3: Matar um animal é moralmente errado porque isso lhe rouba oportunidades futuras.⁶

Quando matamos um animal, ele perde aquilo que a existência teria lhe proporcionado de valor. Ele perde as oportunidades que o futuro lhe traria. Ele deixará de viver tudo aquilo que ele aprecia: contato com a sua prole, os relacionamentos sociais com outros animais, as atividades físicas como correr, nadar, voar e outros tantos prazeres que são característicos da sua espécie.

RAZÃO 4: Matar um animal é moralmente errado porque se trata de uma criatura consciente de si mesma.⁷

Quanto à questão da consciência animal, dispomos de três hipóteses: podemos pensar que (1) um animal apenas reage automaticamente a estímulos sensoriais imediatos, (2) ele é capaz de uma percepção consciente de objetos ou eventos (consciência perceptiva), ou ainda (3) o animal está consciente de que ele está pensando ou sentindo de uma determinada maneira (consciência reflexiva ou autoconsciência). A observação e o bom senso nos dizem que os animais que comemos mostram pelo menos algum grau de autoconsciência. Para começar, há diferentes tipos de autoconsciência:

4 - <http://www.adaptt.org/killcounter.html>, com a observação de que se trata de uma estimativa numérica mínima.

5 - ROLSTON III, H. *Environmental Ethics: duties to and values in the natural world*. Philadelphia: Temple University Press, 1988. O argumento aplica-se a qualquer ser vivo, não apenas aos animais. Ínima.

6 - RACHELS, J. *The End of Life: euthanasia and morality*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

7 - DeGRAZIA, D. *Self-awareness in animals*. In: LURZ, R.W. (Ed.). *The Philosophy of Animal Minds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Corporal: um animal tem consciência do próprio corpo como algo diferente do ambiente que o cerca e como algo sujeito ao seu próprio controle, do que seu corpo está fazendo e das sensações que informam o que está acontecendo com esse corpo (como dores, coceiras, fome, frio, etc.).

Social: um animal tem consciência de si mesmo como parte de um grupo social. É por isso que, na natureza, ele entende que está subordinado ao macho-alfa do grupo e o que é esperado desse papel. É isso que faz com que, num lar humano, um animal possa estabelecer relações sociais com as pessoas. Nossa compreensão desse tipo de consciência nos permitiu precisamente que os animais fossem domesticados.

Introspectiva: um animal tem consciência das suas ações, dos pensamentos e das emoções que as motivam e, principalmente, de que ele mesmo está tendo tais experiências. Basta lembrar algumas situações corriqueiras para demonstrar isso. Vejamos: um animal não tem apenas a sensação de fome, mas também tem consciência de que ele mesmo tem essa sensação. É só por isso que ele nos pede comida. Os animais também são capazes de sentir medo - especialmente de eventos dolorosos. Para isso acontecer, é necessário que um animal tenha a consciência da possibilidade de sentir dor, não no momento presente, mas em um tempo que ainda está por vir. Conclui-se que toda criatura capaz de sentir medo tem alguma ideia de si mesmo como algo que permanece ao longo do tempo em direção ao futuro. Isso significa que esse animal tem algum tipo de autoconsciência. Se um animal é consciente do que se passa com seu corpo, de seus estados mentais, das suas relações com o mundo ao seu redor e com outros animais, então ele tem consciência de que é um sujeito das suas próprias experiências. Ele irá acumular experiências ao longo de sua vida. Isso significa que a vida de um animal que foi morto não pode ser inteiramente substituída pela vida de um outro animal trazido ao mundo, ainda que seja



da mesma espécie. Como um animal nunca será idêntico a outro animal, ao matá-lo, haverá sempre um dano moral que não poderá ser compensado eticamente.

Quem convive intimamente ou interage com animais na sua profissão sabe que os animais não são substituíveis do mesmo modo que uma boneca de plástico pode ser. Até animais da mesma espécie apresentam um estilo de comportamento próprio ou um tipo de “personalidade”: uma galinha pode ser mais tímida do que outra galinha; um peixe pode ser mais agressivo do que outro peixe. Se o animal que matamos para comer é (psicologicamente) único, então o mal moral que há no ato de matá-lo provém justamente da destruição dessa consciência única, dessa vida única.

FONTES:

DAVID DeGRAZIA. Self-awareness in animals. In: LURZ, R.W. (Ed.). *The Philosophy of Animal Minds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HOLMES ROLSTON III. *Environmental Ethics: duties to and values in the natural world*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

JAMES RACHELS. *The End of Life: euthanasia and morality*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

O ARGUMENTO DO SOFRIMENTO DESNECESSÁRIO

O argumento do sofrimento desnecessário diz que é errado causar sofrimento a um animal sem que haja uma razão suficientemente forte para esse sofrimento - ou seja, se isso não produzir algum bem maior. E o Vegetarianismo alega que o nosso desejo por carne não é uma razão suficiente para fazer um animal sofrer. Por sofrimento aqui entenda-se, no sentido amplo, aquelas experiências desagradáveis como dor, estresse e medo principalmente, sejam elas intensas ou prolongadas. Toda a criatura que sofre deseja que o sofrimento termine ou, pelo menos, prefere não sentir essa sensação. Eu sei, de modo direto e inegável, que o sofrimento experimentado pelos animais de criação é um mal porque ele também seria um mal se eu mesmo tivesse uma experiência semelhante.

Os fatos resumidos a respeito do sofrimento imposto aos animais que se tornarão nossa comida já foram mencionados antes (ver Introdução). Inúmeros filmes de documentário retratam as suas mazelas durante o confinamento, engorda, marcação, castração, manejo, transporte e abate. Essa realidade é tão brutal que é comum que as pessoas se sintam motivadas ao Vegetarianismo ao tomarem conhecimento disso tudo. Mesmo aquelas pessoas que se opõem ao Vegetarianismo acreditam que o sofrimento animal, por si só, é algo mau. Elas, entretanto, talvez acreditem que esse sofrimento é “necessário”. Não é. Vejamos:

1. Para determinarmos se uma experiência de sofrimento é necessária ou não, devemos olhar a razão pela qual ela é gerada.
2. O fim a que se destina o sofrimento dos animais de criação é o consumo de sua carne.
3. Tal consumo de carne é desnecessário já que a saúde humana

e os prazeres do paladar humano não resultariam ameaçados por uma dieta vegetariana.

4. Logo, se podemos viver bem sem consumir carne, então o sofrimento dos animais de criação é desnecessário.

[Em contraste, um sofrimento é “necessário” quando ele se destina a promover um bem maior de modo justificado. Um exemplo disso seria o sofrimento provocado por uma amputação cirúrgica de uma perna, que se destina a salvar a vida do paciente. Segundo a Ética Vegetariana, a satisfação temporária do nosso paladar e do nosso estômago não compensa nem de longe o gigantesco sofrimento dos animais criados para serem comidos].

FONTE:

PETER SINGER. Liberdade Animal. Porto Alegre: Lugano, 2004.

O ARGUMENTO DA PESSOA VIRTUOSA

A tarefa da ética é promover um caráter virtuoso nas pessoas. Virtude é uma disposição interna para sentir e agir inspirada pelo princípio da justiça, compaixão, benevolência ou outro qualquer. A ideia é que, ao se tornar vegetariana, uma pessoa traz mais bondade ao mundo. Vejamos dois argumentos desse naipe. O primeiro deles:⁸

1. Um mundo com menos sofrimento/mortes desnecessárias é, em princípio, melhor do que um mundo com mais sofrimento/mortes desnecessárias.
2. Uma pessoa boa toma medidas para tornar o mundo um lugar melhor e medidas ainda mais fortes para evitar tornar o mundo um lugar pior.

3. Uma pessoa minimamente decente toma medidas para ajudar a redução da quantidade de sofrimento/mortes desnecessárias no mundo – se ela puder fazer isso com um mínimo de esforço pessoal de sua parte.

4. Você se considera uma pessoa boa ou, pelo menos, uma pessoa minimamente decente.

5. Logo, você deve tomar medidas para ajudar a redução da quantidade de sofrimento/mortes desnecessárias no mundo – se você puder fazer isso com um mínimo de esforço pessoal de sua parte (no caso, adotando o Vegetarianismo).



Foto: Divulgação

O segundo argumento leva em conta a suposta impotência de alguém, agindo individualmente, em reduzir o sofrimento e a morte dos animais de criação.⁹

1. Uma pessoa boa não irá querer se envolver com o sistema de sofrimento/morte da indústria da carne – isto é, não se beneficiará dele nem o sustentará (mesmo simbolicamente) – quando:

- a) conhecer fatos relevantes sobre a pecuária e nutrição; e
- b) tiver boas alternativas à carne já facilmente disponíveis.

2. Você se considera uma pessoa boa.

3. Logo, você deve se tornar vegetariano (mesmo que isso não seja suficiente para reduzir ou eliminar os males causados aos animais).

FONTES:

MYLAN ENGEL, JR. The Immorality of Eating Meat. In: LOUIS P. POJMAN (Ed.). The Moral Life: an introductory reader in ethics and literature. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NATHAN NOBIS. Vegetarianism and Virtue: Does Consequentialism Demand Too Little? Social Theory and Practice, v.28, n.1, 2002.

O ARGUMENTO DA ATITUDE DE RESPEITO

1. Ética é uma questão de atitude. Atitude é uma predisposição pessoal a “ver o mundo” de um determinado modo e reagir às situações, ideias ou indivíduos de acordo com tal.

2. A forma inapropriada de ver os animais dá margem a atitudes desrespeitosas, que, por sua vez, moldam os comportamentos eticamente errados envolvendo eles.

3. Além da capacidade de sentir, podemos atribuir duas características moralmente importantes às criaturas que comemos:

- a) Animais têm a experiência (subjéctiva) da sua própria vida.

Um animal não é como qualquer outro tipo de objeto, inteiramente dependente de influências externas. Ele age no mundo. Tem um “ponto de vista” e dirige seu comportamento a partir dele. Tem sua própria experiência de mundo, formando uma biografia. Um animal é um “sujeito de uma vida”, vida essa que pode ser melhor ou pior, para o próprio animal, a partir desse ponto de vista. Sua vida importa para ele mesmo.

b) Animais conduzem (autonomamente) a sua própria vida. Um animal é autônomo no sentido de que ele tem suas preferências e também a habilidade de empreender uma ação com a finalidade de satisfazê-las. Não é necessário que ele formule, para si mesmo, alguma razão para isso. Basta que essa ação inicie espontaneamente e seja autodirigida. Essa autonomia faz com que os animais escolham e busquem certas coisas em vez de outras: uma galinha escolhe andar sobre o solo natural em vez de sobre um piso de concreto. Um porco busca uma determinada área para repousar em vez de outra. Um peixe procura um determinado tipo de comida em vez de outro.

4. É inapropriado ver um animal como algo a ser comido (carne) ou a fornecer comida (ovos/leite) em função de:

a) fatos moralmente relevantes sobre eles (sua subjetividade e autonomia);

b) fatos relevantes sobre nós (não precisamos de carne para viver e viver bem).

5. Portanto, quem consome carne revela uma disposição mental desrespeitosa com os animais, um olhar que é inconsistente com o tipo de criatura que eles são. De qualquer forma, há que se compatibilizar o respeito pelos animais com o tipo de vida que os seres humanos têm que levar nas suas atuais circunstâncias. Imagine alguém vivendo sobre o gelo, nas montanhas ou no meio da selva. Se essa pessoa necessita de carne para

sobreviver, a atitude apropriada nesse caso seria reconhecer a subjetividade/autonomia de um animal e, ao mesmo tempo, vê-lo como algo a ser comido – o que não significa mostrar desrespeito com ele. O fato é que a grande maioria de nós não se encontra nessa situação.

FONTES:

ELIZABETH FOREMAN. Good Eats. Between the Species, v.17, n.1, 2014.

TOM REGAN. The Case for Animal Rights. Berkeley: University of California Press, 1983.

O ARGUMENTO DA DIGNIDADE

1. O conceito de dignidade está intrinsecamente vinculado ao conceito gêmeo de respeito, visto na seção anterior. Dignidade é justamente uma qualidade moral que inspira respeito.

2. É do filósofo Kant a famosa distinção entre “coisas”, que podem ser usadas para atender os propósitos de outros, e “pessoas”, sujeitos dignos, que merecem respeito moral. Meras coisas, diz ele, tem um preço, um valor de troca. Pessoas, por outro lado, têm uma dignidade. Elas não podem ser substituídas por algo equivalente. A dignidade de um indivíduo provém do valor que ele tem em si mesmo, não para si próprio, nem para os outros. Isso significa que ele não deve ser nunca tratado apenas como um mero meio para outros fins, mas, em vez disso, como um “fi

3. A Ética Vegetariana toma emprestada essa distinção, com a diferença de que os animais ocupariam a categoria dos “fins em si mesmos”, como criaturas dignas, merecedoras de respeito – em vez de meras coisas que se movem.

4. Se atribuir dignidade a um indivíduo significa considerá-lo um fim em si mesmo, essa mesma dignidade é violada ou negada

sempre que o animal é reduzido a um simples recurso comestível. A indústria da carne rouba a dignidade de um animal quando o transforma em um almoço.

5. A dignidade dos animais pode ser filosoficamente fundada na sua própria natureza, na medida em que são criaturas com (a) subjetividade/autonomia (ver seção anterior) ou (b) vulnerabilidade (ver próxima seção).

6. Para o Vegetarianismo, importa notar que a noção de dignidade inclui dignidade póstuma. Por isso, consideramos uma violação à dignidade (humana) quando um cadáver (humano) é mutilado. Nesse caso, trata-se de respeitar a dignidade que a vítima possuía enquanto estava viva, antes de morrer. O corpo morto não é uma mera coisa: o cadáver está “no lugar de”, representa o próprio indivíduo vivo.

7. Mas, enquanto que comer corpos de pessoas mortas é tido como um ato extremo de depravação, comer cadáveres de animais é perfeitamente aceitável pela maioria das pessoas. Por entender que animais também têm dignidade, a Ética Vegetariana evoca justamente o respeito moral pelo que o animal foi no passado e pelo que ele poderia ter sido - se não tivesse sido morto para se tornar comida.

FONTES

ANTOON DE BAETS. *A Successful Utopia: The Doctrine of Human Dignity*. Historein, v.7, 2007.

TOM REGAN. *The Case for Animal Rights*. Berkeley: University of California Press, 1983.

O ARGUMENTO DA VULNERABILIDADE

1. Por que achamos que seria horripilante matar uma pessoa para assá-la, mas matar um porco para assá-lo, não? Imagine a

existência de uma “fazenda de criação de bebês” em um lugar qualquer. Suponha que um grupo seletivo de pessoas pagasse secretamente homens doadores de esperma e mulheres com “barrigas de aluguel” para dar à luz a bebês. Esses bebês seriam criados até ganharem um peso suficiente para serem assados e comidos durante uma cerimônia especial. Suponha também que esses bebês fossem muito bem tratados até o momento final e que, além disso, tivessem uma morte tranquila e serena por meio de uma superdosagem de pílulas para dormir. É certo que ficaríamos horrorizados se um caso como esse viesse a público. Mas por que trazer à vida um desses bebês com a intenção de comê-lo seria moralmente inconcebível, mas fazer nascer um animal para também comê-lo mais tarde, não? Qual a diferença moral entre os dois casos? Se você responder que a justificativa é simplesmente a espécie da vítima, estaremos diante do chamado “especismo” - a discriminação preconceituosa baseada na noção de espécie.



Foto: Divulgação

2. Animais e crianças constituem casos paradigmáticos de vulnerabilidade e inocência. A condição em que ambos se encontram é muito semelhante em três aspectos importantes:

a) Animais – como as crianças – são indefesos. (Quase) todos eles estão submetidos à nossa vontade e ao nosso poder, ainda que não apresentem nenhuma ameaça à vida humana. Nós não apenas decidimos trazê-los à vida, mas também decidimos como eles irão vivê-la. Esse controle total agrava nossa responsabilidade moral em relação a eles.

b) Animais – como as crianças – não são capazes de articular suas necessidades e usar a fala para nos informar de seus interesses, dando ou não seu consentimento a algo que lhes fazemos. Eles dependem de nós para representá-los. Esse fato, novamente, aumenta a nossa responsabilidade.

c) Animais – como as crianças – não tomam decisões morais e, por isso, não podem ser considerados moralmente responsáveis por suas ações. Eles são moralmente inocentes e nunca merecem os males que intencionalmente lhes infringimos. Isso torna a justificação moral do que lhes fazemos mais difícil.

3. Nós, humanos, participamos apenas como mais um tipo de animal no mundo da carne, da corporeidade. Nossa suscetibilidade a sofrer é semelhante a dos animais. A condição de sermos mortais, a transitoriedade da nossa vida, também é partilhada com eles. Essa consciência da nossa própria vulnerabilidade carnal faz disparar um sentido de solidariedade corporal com os animais.

4. A Ética Vegetariana denuncia o problema moral de tirar vantagem da fragilidade de um indivíduo a fim de atender os interesses de outros indivíduos. A vulnerabilidade dos animais (de criação) é tratada como uma oportunidade (dietética) para nós. Restringimos a liberdade, violamos a integridade física e impedimos o comportamento típico de uma criatura fisicamente mais vulnerável que nós. Por quê? Porque isso nos é vantajoso.

Aproveitamos dessa fragilidade, de forma intencional e calculada, para obtermos algo. Esse é precisamente o cerne dos processos de dominação, opressão e exploração dos seres vulneráveis. O Vegetarianismo, por sua vez, apresenta uma agenda oposta: a da não violência em relação a outras criaturas.

FONTES

ANDREW LINZEY. *Why Animal Suffering Matters: philosophy, theology, and practical ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

RALPH. R. ACAMPORA. *Toward a Properly Post-Humanist Ethos of Somatic Sympathy*. In: SMULEWICZ-ZUCKER, G.R. (Ed.). *Strangers to Nature: animal lives and human ethics*. Lanham: Lexington Books, 2012.

WILLIAM B. IRVINE. *Cannibalism, Vegetarianism, and Narcissism*. *Between the Species*, v.5, n.1, 1989.

O ARGUMENTO DO CUIDADO

1. Quando um vegetariano assiste alguém comendo um peixe durante um almoço, ele não precisa raciocinar a fim de concluir que isso é eticamente errado. Ele não precisa filosofar a respeito disso. Ele simplesmente vê que isso é errado.

2. Tanto vegetarianos quanto não vegetarianos ficariam extremamente perturbados ao visitar um matadouro. E não levariam seus filhos para fazer essa visita. Nem gostariam de morar do lado de um. Essa resposta emocional é inapropriada? Uma mera sentimentalidade de quem é incapaz de lidar com a dura realidade da vida? Não, segundo a ética do cuidado. O ideal, de acordo com essa concepção, não é uma pessoa agir de modo impessoal, objetivo e sem envolvimento emocional com uma questão ética. Ao contrário, é justamente a dimensão emocional da relação humano-animal que deve ser ressaltada.

3. Em vez dos ideais de justiça e de imparcialidade, a noção-chave aqui é a de cuidado. Importa o ato de nos responsabilizarmos e

uma atenção às necessidades dos animais – não como espécie, um grupo biológico, mas, sim, como criaturas de carne e osso em cada contexto particular. É essa atenção (compassiva/empática/simpática) que faz uma pessoa desviar o seu carro na estrada a fim de evitar atropelar um animal, sem ter que pensar em uma explicação racional para isso. Essa mesma pessoa verá o terror de um boi em um matadouro como comparável com o dela mesma em uma situação semelhante.



Foto: Divulgação

4. Note que não se trata de uma ética da compaixão ou da empatia passiva pela vítima, tampouco piedade pelo destino de outrem. Estamos falando de uma construção imaginativa a respeito da realidade de um determinado animal, de modo a suscitar um sentimento proativo apropriado à sua condição. Há que se mobilizar uma atenção e preocupação suficientes a ponto de tentar encontrar a causa de uma violência e, tendo encontrado quem ou aquilo que está causando esse mal, contribuir para que isso não aconteça mais.

5. A principal causa da violência aos animais é a indústria da carne. Vegetarianos simplesmente percebem isso e se preocupam com isso. E o que impede que todos nós manifestemos essa compaixão pelos animais destinados a serem comidos? São exatamente certas estratégias de obscurecimento da realidade por parte dessa indústria (ver Introdução). São essas manobras premeditadas que bloqueiam o exercício das emoções vegetarianas no restante da sociedade.

FONTE:

JOSEPHINE DONAVAN, CAROL J. ADAMS. (Eds.). *The Feminist Care Tradition in Animal Ethics*. New York: Columbia University Press, 2007.

O ARGUMENTO DOS INTERESSES

1. A ideia é a seguinte:

- a) É um dado de realidade que as vidas dos animais podem, do ponto de vista deles mesmos, ir melhor ou pior.
- b) Podemos dizer que é do interesse de cada animal que sua vida vá melhor do que pior para ele.
- c) Logo, é do interesse de cada animal tudo aquilo que o beneficia.

2. Não é necessário que uma galinha, porco ou peixe se interesse (intelectualmente) em viver e viver bem para que isso seja do seu interesse. A partir da noção de interesses, o Vegetarianismo pode ser defendido por meio de dois princípios morais:

a) Interesses vitais têm prioridade sobre interesses não vitais

Interesses vitais correspondem às necessidades que devem ser atendidas a fim de que uma criatura tenha uma vida decente ou minimamente gratificante. Isso envolve nutrição, integridade física, segurança corporal, saúde, repouso, abrigo, etc. Interesses não vitais, por sua vez, dizem respeito àquelas condições de vida que não são necessárias para uma vida minimamente boa, mesmo que isso aumente o bem-estar do indivíduo, tais como ter

acesso a uma casa maior – e a um churrasco.

A Ética Vegetariana denuncia que o comer carne consiste em um interesse humano que não é vital, mas que sacrifica os interesses mais básicos dos animais que são aprisionados, mutilados, maltratados e mortos, para depois serem comidos.

b) O atendimento de necessidades tem prioridade sobre o atendimento de preferências

A autonomia, a liberdade de escolha (alimentar), de poder optar por algo (o que comer) é uma capacidade típica da nossa espécie. Essa possibilidade de fazermos escolhas diz respeito a uma necessidade humana. Mas satisfazer uma determinada escolha em particular (pela carne) não diz respeito ao atendimento de necessidades – e, sim, de preferências, de um mero gosto. A troca de um bife por uma porção de feijão não obstaculiza o exercício da autonomia humana. Para cada item de carne há substitutos nutricionais e culinários que podem dar uma satisfação equivalente. Sendo assim, nossas preferências alimentares (pela carne) devem ceder prioridade às necessidades dos animais que são violadas pela pecuária (manter-se vivo, fisicamente íntegro, com um mínimo de conforto ambiental, em contato com sua prole, etc.).

FONTES:

S.F. SAPONTZIS. *Morals, Reason, and Animals*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

TOM REGAN. *The Case for Animal Rights*. Berkeley: University of California Press, 1983.

O ARGUMENTO DOS DEVERES - DIREITOS

A defesa de uma Ética Vegetariana pode ser articulada através das seguintes noções:

1. Deveres

Como indivíduos dotados de subjetividade/autonomia (ver seção “O Argumento da Atitude de Respeito”), os animais valorizam suas próprias vidas, por si mesmas. Isso significa que os animais

são portadores de um valor autônomo, objetivo, intrínseco – isto é, moral. Logo, temos uma boa razão para impor obrigações ou deveres sobre aqueles que poderiam desconsiderar tal valor.

2. Direitos

Os animais têm imunidade moral, um trunfo contra o interesse de terceiros em atropelar esse valor. A subjetividade/autonomia animal deve receber a mesma proteção moral básica que a humana recebe: se as pessoas têm o direito de não serem devoradas, então os animais também têm o direito de não serem comidos.

3. Inversão do ônus da justificação

A ideia de que os animais têm valor moral ou direitos morais implica que cabe àqueles que querem atentar contra tal valor ou tais direitos justificar o porquê disso – em vez daqueles que querem protegê-los. A ideia de que os animais têm valor moral ou direitos morais opera semelhantemente ao caso humano:

- a)** No sentido moral e legal, não se deve matar ou aprisionar pessoas, a menos que se deem determinadas condições específicas: em defesa própria, em atendimento ao interesse da própria vítima, quando a segurança de outros indivíduos é ameaçada ou quando um procedimento legal declara que a vítima é culpada de um delito.
- b)** Ora, animais são igualmente passíveis de morte e aprisionamento.
- c)** Logo, não se deve matar ou aprisionar animais – a menos que também se apliquem essas mesmas condições de exceção.
- d)** Mas o ônus da prova a respeito dessas condições cabe a quem alega a sua existência.

FONTES:

J. BAIRD CALLICOTT. *The Pragmatic Power and Promise of Theoretical Environmental Ethics: Forging a New Discourse*. *Environmental Values*, v.11, 2002

RONALD DWORKIN. *Rights as Trumps*. In: WALDRON, J. (Ed.). *Theories of Rights*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

"Você compra uma carne quadrada e embalada, que nada se assemelha ao animal vivo. Isso, em parte, explica porque a maioria das pessoas se importa com os animais – mas os usa como comida. Nós comemos animais apenas porque pagamos outras pessoas para fazer o 'trabalho sujo' de matá-los."

"A Ética Vegetariana denuncia que o comer carne consiste em um interesse humano que não é vital, mas que sacrifica os interesses mais básicos dos animais que são aprisionados, mutilados, maltratados e mortos, para depois serem comidos."

Carlos Naconecy



www.svb.org.br

